Cantorias de um povo saído do cativeiro

A festa que vem depois (Êxodo 15)

Cativeiro tem fim. Não é eterno. É o que Israel celebra como seu próprio berço. O povo de Deus nasceu com esta experiência. Sua vocação é, precisamente, testemunhar, "apesar de tudo" e "contra todas e quaisquer evidências", que cativeiro não é destino.

No império de faraó os hebreus foram feitos escravos. Feitores os chicoteavam. Exigiam-lhes trabalhos e tarefas cada vez maiores.

Este suplício durou gerações, sim, de acordo com algumas tradições, algumas centenas de anos. Mas teve fim. Opressão tem fim. Não é coisa eterna.

Espoliações podem decretar-se vitoriosas por alguns tempos. Até pode haver quem queira provar que hão de durar muito, muito tempo. Mas sabemos que espoliações não têm a última palavra.

O CATIVEIRO TEM LIMITE

A libertação desemboca na celebração. Assim o celebra Êxodo 15.

O milagre aconteceu: O opressor não alcançou esmagar os hebreus escravizados. A "adoração" (Ex 4,31) e o "temor" (Ex 14,31) são as respostas a esta libertação acontecida.

Cânticos para tais celebrações costumam olhar para trás. Festejam o acontecido. Em Ex 15 o passado desempenha papel decisivo. Os principais eventos por ocasião da derrocada de faraó são mencionados, em especial o afogamento deste opressor em meio às águas (Ex 15,5.10).

Mas também o futuro é tematizado. Cantorias de libertação costumam não se restringir à saudosa memória. Olham para o porvir. Estão cheias de utopia. A liberdade alcançada abre novas perspectivas. Neste sentido, Ex 15 apresenta temas que estão muito à frente dos dias de Moisés e Miriã.

"Moisés e os filhos de Israel" (Ex 15,1) e "Miriã e todas as mulheres" (Ex 15,20) cantam, animados pela libertação ocorrida e ansiosos pela que há de vir.

Iniciamos observando a estrutura literária de nossas cantorias do povo liberto.

A ESTRUTURA DOS CÂNTICOS

A questão que temos pela frente é complicada. A complicação não é tanto de conteúdo. Neste nível, a rigor, não há problema maior. A dificuldade reside bem antes do nível da comunicação. Não é fácil expor, para outros, percepções e constatações a respeito da estrutura de um texto. Por isso, peço que leitoras e leitores façam o favor de ter a seu lado o texto bíblico para uma contínua verificação.

A parte poética de Ex 15 começa e termina da mesma maneira. (Diga-se de passagem que esta poética se compõe do v. 1 até v. 21.) No início e no final lemos praticamente as mesmas palavras:

Cantai a Javé
Porque triunfou gloriosamente,
e lançou no mar
o cavalo e o seu cavaleiro.

Esta mesmice de começo e final deve ser intencional. Em cânticos, repetições aparecem com certa freqüência. São os estribilhos, os refrões. Em Ex 15, o v. 1 e o v. 21 fazem as vezes de tais estribilhos. Temos, pois, um primeiro resultado importante a respeito da estrutura de Ex 15:

v. 1 "cantarei a Javé porque..."
v. 21 "cantai a Javé porque..." > *são refrões*

Podemos adicionar, de imediato, mais uma segunda observação, igualmente concernente a início e término. No v. 1 e no v. 20 deparamos com um estilo narrativo. Aí nos é dito algo sobre as pessoas que entoaram os cânticos. Nas duas passagens estas são apresentadas de maneira bastante similar.

"Moisés e os filhos de Israel entoaram..."
"Miriã tomou um tamborim e todas as mulheres..." > *são apresentações*

Estas apresentações de cantores e cantoras mostram que temos dois cânticos em Ex 15. Um vai do v. 1 até o v. 19. O outro, do v. 20 ao v. 21. Este segundo é muito mais breve que o primeiro. Aliás, ele somente repete o refrão do primeiro. O primeiro, o mais amplo, é de Moisés e dos filhos de Israel. O segundo, de Miriã e das mulheres. De acordo com o atual texto de Ex 15, as mulheres teriam entoado o refrão. A primazia está, pois, com Moisés e os homens. Esquematizemo-lo:

v. 1-19 cântico de Moisés/filhos;

v. 20-21 cântico de Miriã/mulheres.

O cântico de Miriã e das mulheres apresenta uma disposição bastante simples. Sua parte principal é o cântico ou refrão (v. 21). Este é introduzido por informações que localizam o estribilho (v. 20).

Bem mais complexo é o cântico de Moisés e dos filhos de Israel (v. 1-19). Merece destaque especial. (Recomendo verificar o texto bíblico).

O CÂNTICO DE MOISÉS (v. 1-19)

Trata-se de poesia. A poesia hebraica tem um jeito especial. Sua lógica é peculiar. Falta-lhe aquela seqüência de assuntos, tão típica para uma narração. Característico para a poesia é a repetição. Através desta são postos os acentos. Tentemos percebê-lo junto ao próprio texto.

Há uma dupla introdução. Os v. 1-2 constituem a primeira parte. Propõem o louvor a Deus: "Cantarei a Javé". Afinal, este Deus é o libertador e o salvamento. Retoma-o o cântico de Miriã (v. 20-21). A segunda são os v. 3-5. Seu tema afirma: "Javé é guerreiro". Evidenciou-o ao afogar faraó no mar. O restante do cântico detalha esta afirmação fundamental. Portanto, o v. 3 é o título do cântico de Moisés:

Javé é homem de guerra!
Javé é seu nome!

Os v. 6 a v. 12 formam um conjunto. Pode-se constatá-lo ao comparar o v. 6 com o v. 12. Ambos celebram o poder da "mão direita" de Deus. Os demais versículos dão detalhes da intervenção desta "mão direita" contra faraó e semelhantes inimigos de Javé.

Agrupados também estão os v. 13 até v. 17. Evidencia-o a comparação do v. 13 com o v. 17. Em ambos a "habitação da tua santidade", isto é, o santuário, é o alvo do povo peregrino. Os demais versículos mencionam os povos que darão passagem aos hebreus em seu caminho à terra que mana leite e mel. Citados estão: Filistéia, Edom, Moabe, Canaã.

Juntos também estão os v. 18 e v. 19. Entendo que constituem um texto paralelo aos v. 3-5. Dizíamos acima que o v. 3 apresenta uma espécie de título ou tema geral para o todo do cântico. O v. 18 lhe corresponde. Igualmente faz uma afirmação básica:

Javé reinará
por todo o sempre!

Deduzo, pois, que o cântico de Moisés e dos israelitas tem uma estruturação deveras nítida e transparente. Penso que para captar seu sentido e sua relevância faz-se necessário tomá-la em conta. Por isso, esquematizo-a para concluir:

Moisés e os filhos de Israel entoaram este cântico a Javé e disseram:
Cantarei a Javé
porque triunfou.
Javé é minha força.

Javé é **homem de guerra**!
Javé é o seu **nome**!
Lançou no mar,
afogaram-se os capitães,
desceram às profundezas

A tua **mão direita** é gloriosa,
despedaça o inimigo.
Derribas os que se levantam,
envias o teu furor,
amontoaram-se as águas,
sopraste com o teu vento,
afundaram-se como chumbo.
Javé, quem é como tu?
Estendeste a tua **mão direita**!
A terra os tragou!

Guiaste o povo,
levaste-o à **habitação da tua santidade**.
Os povos estremeceram,
agonias apoderaram-se da Filistéia,
perturbaram-se os príncipes de Edom,
atemorizam-se os poderosos de Moabe,
esmorecem os governantes de Canaã.
Sobre eles cai espanto
até que passe o teu povo.
Tu os plantarás no monte da tua herança,
na tua **habitação**, no santuário.

Javé **reinará** por todo o sempre,
porque os cavalos de faraó entraram no mar,
os filhos de Israel passaram.

A profetisa **Miriã** tomou um tamborim e todas as mulheres saíram atrás dela com tamborins e com danças. E Miriã lhes respondia:

Cantai a Javé
porque triunfou.

Estas observações sobre a estruturação – por difíceis que sejam de transmitir e por mais que desafiem a paciência de vocês leitoras e leitores – dão valiosas pistas em termos de conteúdo. Mostram o que é importante nos cânticos. Cabe-nos, pois, passar a dizer algo a respeito do sentido e mensagem de Ex 15. Mas, antes de desdobrar esta tarefa, faz-se necessário buscar identificar a origem de nossos dois cânticos.

A ORIGEM CAMPONESA DO CÂNTICO DE MIRIÃ E DAS MULHERES

O cântico de Miriã há de ser muito antigo (v. 20-21). É o que a pesquisa bíblica postula. Em geral, inclusive se afirma que os v. 20-21 contêm a informação mais antiga a respeito do êxodo. Com isso, o cântico de Miriã seria um dos textos mais antigos do Antigo Testamento. Remontaria a tempos bem anteriores à formação da monarquia sob Saul e Davi, em torno do ano 1000 aC. Na mesma época teria surgido o cântico de Débora (Jz 5).

O refrão de Miriã provém, pois, do contexto do tribalismo israelita do 12º e 11º séculos. Aí há os lavradores e as lavradoras, o campesinato é amplamente majoritário. Os templos estão pouco desenvolvidos. Já por isso recomenda-se buscar a origem do cântico entre o campesinato.

As cantoras são mulheres. Elas também hão de ser as criadoras do refrão. O cântico de Débora (Jz 5) fornece um paralelo.

Inclusive estamos em condições de identificar as circunstâncias nas quais mulheres entoavam estribilhos como o nosso. Trata-se do retorno dos guerreiros de uma "guerra santa". Aquele cântico, com o qual as mulheres recebiam Davi e seus combatentes nos tempos de Saul, é um exato paralelo para a canção de Miriã. Compare 1Sm 18,7; 21,11; 29,5.

Concluo, pois, o seguinte: Primeiro, o cântico de Miriã tem sua origem no contexto da "guerra santa", no que se assemelha à narração de Ex 13–14. Provém, portanto, do âmbito do campo, da roça. Segundo, o cântico de Miriã é tradição de mulheres, remontando à época anterior ao Estado (antes do ano 1000 aC). Portanto, a informação mais antiga a respeito da libertação no Egito provém de camponesas. O êxodo libertador também é tradição de mulher (veja Ex 1,15-22; 2,1-10; Gn 12,10-20).

CANTORES DO TEMPLO COMO AUTORES DO CÂNTICO DE MOISÉS

Bem outra é a origem do cântico de Moisés e dos filhos de Israel (v. 1 até v. 19). Este não é nem antigo e nem de pano de fundo camponês.

Nele há certa queda para a prosa, em todo caso no v. 19. Isso já mostra estarmos diante de um texto mais recente. Além disso, o v. 2 parece ser tirado de Sl 118,14 e de Is 12,2. O v. 1 é repetição do v. 2! E, em especial, o templo de Jerusalém está construído (v. 13+17!). Este santuário é de meados do 10º século. Nosso cântico, em todo caso, é posterior a este evento, posterior ao 10º século.

Mas parece ser anterior ao exílio do 6º século. Faltam alusões à deportação.

Os autores não só pressupõem a existência do templo de Jerusalém. Até lhe estão próximos. Viver nas cercanias do santuário parece ser-lhes uma suprema felicidade (v. 13 e v. 17). Encontramo-nos, pois, entre cantores do templo de Jerusalém. Estes hão de ser os criadores de nosso cântico de Moisés e dos filhos de Israel. Também atribuem o Sl 90 a Moisés.

Há indícios de que estes cantores mantiveram uma fortíssima relação com a história. Todo nosso cântico é perpassado pela memória do êxodo, pela lembrança de que faraó desceu "às profundezas como pedra" (v. 5). Canções como o Sl 135 e 136 também trazem esta marca histórica. Em nosso Ex 15 agrega-se mais outro fator. Sua espiritualidade celebra Javé como "homem de guerra". É o que também conhecemos do Sl 24 e da "teologia da arca" (2Sm 6,2). Que tipo de cantores seriam estes? Poderiam ser círculos levíticos, gente próxima ao movimento deuteronômico, à escola de autores que criou o livro do Deuteronômio, tão fortemente marcado pela memória do êxodo (Dt 5,14-15; 6,20-23; 26,1-11). Neste caso, se poderia situar o cântico de Moisés no final do 8º século ou no 7º século.

Feitas essas observações sobre a origem dos dois cânticos e percebida sua estrutura literária, devemos delinear alguns aspectos do conteúdo. Pensei ser conveniente ressaltar o seguinte:

UM LOUVOR CARREGADO DE HISTÓRIA

Em Ex 1–15 há muita liturgia. Já se pode detectá-lo na "liturgia dos sinais" (Ex 7–13). É o que também temos na festa da páscoa, tematizada em Ex 11–13. E, agora, o capítulo final retoma essa mesma tônica (Ex 15). Há, pois, uma decidida ênfase litúrgica nas narrações sobre a libertação.

O acento de nosso cap. 15 é louvor e gratidão. Seu propósito é exaltar Javé, o autor da libertação. Os dois cânticos começam dirigindo nossa atenção a Deus: "cantarei a Javé!" (v. 1); "cantai a Javé!" (v. 21).

Contudo, o que mais me impressiona nestes cânticos de Moisés e Miriã não é tanto esta perspectiva do louvor. Em outros salmos encontra-se até mais enfatizada. O que mais me chama a atenção é a presença forte das referências históricas.

Os dois cânticos estão profundamente embebidos de história. A ação histórica de Javé é tema da maioria dos versículos. Razão e motivo do louvor e da gratidão são detalhados insistentemente. Javé merece louvor porque triunfou sobre cavaleiros e faraós. Javé é exaltado porque inimigo nenhum persiste diante dele. Javé é digno de agradecimento porque não há Deus que intervenha tão decididamente em favor dos pobres. Javé é celebrado porque conduz seu povo à herança segura, à terra que mana leite e mel. Javé é Deus de ação histórica – esta é a razão para o louvor.

Louvar a Deus em meio à história, em meio às vitórias – ainda que pequenas! – é o grande desafio de Ex 15. O louvor e a liturgia não celebram um Deus à margem da história, mas justamente Javé em meio à história concreta e atual! Quem louva Javé não se retira e nem se afasta das lutas históricas dos pobres. Pelo contrário, aprofunda-se e empenha-se nelas! É bom louvar Javé!

"JAVÉ É UM GUERREIRO"

Este título assusta. Afinal, esta não é uma afirmação entre outras nos cânticos. É o próprio tema da canção de Miriã. E inclusive corresponde ao conteúdo do refrão de Miriã. Portanto, a afirmação "Javé é um guerreiro" resume nosso capítulo. A poderosa "mão direita" de Deus (v. 6+12) ou, na linguagem de Dt 26,8, seu "braço estendido" perfazem o cerne de Ex 15.

Alguém poderia dizer que o Novo Testamento supera esta compreensão de Deus. Só falaria do amor, não da poderosa mão de Javé. Não há dúvida, o evento salvífico de Jesus Cristo amplia e radicaliza significativamente nossa compreensão de Deus, em especial porque encarna o amor divino no profeta de Nazaré. Contudo, este Novo Testamento de jeito nenhum põe de lado a poderosa intervenção de Deus contra o pecado e a exploração. Afinal, é no próprio Novo Pacto que leio: "Ai de vós, os ricos!" (Lc 6,24). O Deus de Jesus Cristo não deixa de "guerrear" contra dominação e exploradores. Pelo contrário, sua luta torna-se ainda mais implacável, se bem que com novos objetivos e métodos.

Aliás, quando nossos cânticos nos apresentam Javé como guerreiro, não estão descrevendo uma qualidade divina. Não estão dizendo algo sobre "Deus em si". Seu intuito é o de testemunhar a respeito do empenho de Deus em favor dos pobres. Javé não é "em si" contra o faraó. Ele o é por causa dos pobres, das mulheres escravizadas e dos homens tripudiados. O v. 19 no-lo apresenta muito bem: Javé afogou faraó e seu exército a fim de que os hebreus passassem "a pé enxuto pelo meio do mar". "Javé é guerreiro" por amor aos pobres. E, com esta meta, "reinará por todo o sempre" (v. 18).

Este também é "o nome de Javé" (v. 3). O "nome" de Javé reside nesta sua dedicação aos fracos. É o que já se lia em Ex 3,14. Aí Javé era apresentado naquela frase programática: "eu sou aquele que sou". E isto significa que o "nome" de Javé se espelha e se nos apresenta justamente em sua ação libertadora em favor dos hebreus escravizados.

Não me parece ser nada acidental que a temática do "nome" de Javé – central nos cap. 3–4 – seja retomada aqui no final do conjunto literário sobre o êxodo. De certo modo, Ex 1–15 nos apresentam o "nome" de Javé. No-lo revelam como "Deus dos hebreus" (Ex 3,18), o Javé "guerreiro" (Ex 15,3) ao lado de mulheres e homens explorados.

OS PODEROSOS DARÃO PASSAGEM AOS LIBERTOS

O povo liberto é povo a caminho. Dirige-se à terra que mana leite e mel. Boa parte do cântico de Moisés se dedica a esta ida dos libertos à sua "herança", à sua "habitação". Tematizam-no os v. 13-17.

Aí o enfoque não recai sobre a rebeldia deste povo em marcha rumo à sua nova morada. Este enfoque quase que predomina tanto nos capítulos anteriores a Ex 15 quanto nos que lhe seguem. A murmuração já começa no próprio cap. 5, em meio aos primeiros ensaios de organização. Repete-se por ocasião do embate com o exército faraônico de perseguição (Ex 14,11-12). E após o cap. 15 é assunto deveras freqüente. Em Ex 15,22-27 já deparamos com uma história de murmurações. Contudo, este aspecto da rebeldia dos hebreus em sua migração rumo à sua terra nem aparece no cântico de Moisés.

Nele só se enfoca a reação dos poderosos à marcha dos libertos!

É sintomático que só sejam mencionados os poderosos dos povos: Os "governantes" da Filistéia e de Canaã, os "príncipes" de Edom e os "poderosos" de Moabe. Estes entram em "agonias", em "perturbações", em "espanto" e em "pavor" ao terem que dar passagem aos hebreus libertos. Por quê?

Ora, o avanço dos pobres põe os opressores em agonia. Vai-se sua força de trabalho, a fonte de suas riquezas. Pobres que já não se submetem mais a serem explorados fazem estremecer seus donos.

A libertação de alguns oprimidos – ainda que poucos e ainda que frágeis e vacilantes como os hebreus saídos da casa da servidão egípcia – ativa as esperanças de todos os espoliados. Cria reações em cadeia. Contagia. A iminência de tal contágio apavora os faraós.

Sim, libertação faz escola. A libertação dos hebreus é escola para todo o povo de Deus. É uma escola aberta para todos os homens e todas as mulheres. O

êxodo é, pois, um memorial que vai fazendo escola entre os pobres de todos os povos, de todos os tempos. É o que vem acontecendo desde o início. Na hora da saída do Egito, agregou-se ao grupo de Moisés "uma multidão de gente" (Ex 12,38). Na passagem por terras edomitas e moabitas, os pobres daquelas regiões viram crescer suas esperanças. No ingresso em terras cananéias, gente oprimida como a prostituta Raabe (Js 2) se alia aos hebreus insurgentes. Sim, libertos contagiam! Desencadeiam movimentos de libertação por todas as partes.

BIBLIOGRAFIA

A memória popular do êxodo. In: *Estudos Bíblicos* 16. Petrópolis, 1988, 84 p.

Ana Flora ANDERSON e Gilberto GORGULHO. *Êxodo 1–15 – a formação do povo*. São Paulo, 1992, 73 p.

Ana Flora ANDERSON e Gilberto GORGULHO. Míriam y sus compañeras – Éxodo 15,20. In: *Teología y liberación, escritura y espiritualidad – Ensayos en torno a la obra de Gustavo Gutiérrez*. Lima, 1990, p. 49-76.

Euclides Martins BALANCIN e Ivo STORNIOLO. *Como ler o livro do Êxodo – O caminho para a liberdade*. 2ª ed. São Paulo, 1991, 60 p.

Guy COUTURIER. La oración de Moisés: el canto de victoria – Éxodo 15,1-21. In: *Colección Bíblica*. 2ª ed. Bogotá, 1989, p. 8-23.

Leonídio GAEDE. *Sem-terra – a praga de faraó*. São Leopoldo, 1991, 148 p. (dissertação de mestrado).

André LANSON. *Libertar os oprimidos*. Crateús, 1969, 85 p.

Jorge PIXLEY. Êxodo. In: *Coleção Grande Comentário Bíblico*. Edições Paulinas. São Paulo, 1987, 247 p.

Milton SCHWANTES. *História de Israel – Local e origens*. São Leopoldo, 1984, p. 108-144.

Milton Schwantes
Rua Faria de Lemos, 84
07094-200 Guarulhos, SP